

## A Chegada dos Fazedores de Reis

Os Mitos, Mensageiros e Mistérios do Natal—Parte 1

Textos Selecionados

### Introdução

Um dos aspectos que mais gosto na celebração do Natal é a música. Sem dúvidas, músicas acerca da encarnação de Cristo poderiam ser tocadas e entoadas no decorrer do ano todo. Porém, não há nada de errado em reserva-las para uma ocasião especial. O que torna as músicas de Natal especiais é justamente o fato de serem reservadas para esse período natalino.

Não é uma má ideia deixar determinadas coisas para momentos especiais. Por exemplo, se sua família jantasse à luz de velas toda noite, todos ficariam animados quando jantassem com a luz acesa! As crianças diriam: “Uau! Que legal. Podemos enxergar o que estamos comendo!” Se comêssemos panettones (ou chocottones para quem não gosta de frutas cristalizadas!) toda semana e o ano inteiro, ficaríamos animados com a ideia de comer um pão com queijo ou cuscuz, não é verdade?

Meu pai, que cresceu na fazenda, conta sobre a vez em que ficou extremamente animado com a oportunidade de comer pão comprado na padaria. Chega de pão caseiro cheiroso e quentinho na hora! Ele ficou feliz com o pão oco de padaria. A verdade é que coisas podem se tornar especiais simplesmente porque são diferentes.

Existem crentes sinceros e bem-intencionados que acreditam que não devemos celebrar o Natal por causa das origens pagãs de muitas coisas relacionadas à celebração. De fato, elementos pagãos foram inseridos indevidamente nas comemorações do Natal. Por exemplo, os romanos decoravam seus templos e altares com ramos de plantas e velas. Quando o Império Romano conquistou as ilhas britânicas, os romanos descobriram que os druidas utilizavam ramos de visgo, amplamente usados na época do Natal hoje em dia, em suas cerimônias religiosas. Por volta do século quinto, decorações pagãs com ramos já haviam se tornado parte das celebrações de Natal na igreja.

Os Puritanos tentaram suprimir qualquer observância do Natal. Eles até aprovaram uma lei na Inglaterra em 1644, transformando o dia de Natal em um dia útil como qualquer outro. Por um longo tempo, era proibido preparar refeições e sobremesas especiais em dezembro. Quando imigraram para a América do Norte, os mesmos Puritanos propositadamente trabalhavam no dia 25 de dezembro para demonstrar seu desdém pela observância do Natal.<sup>1</sup>

É importante notar o que as Escrituras têm a dizer sobre questões como dias festivos. O apóstolo Paulo deixou o assunto claro quando escreveu em

Romanos 14.5–6:

*Um faz diferença entre dia e dia; outro julga iguais todos os dias. Cada um tenha opinião bem-definida em sua própria mente. Quem distingue entre dia e dia para o Senhor o faz; e quem come para o Senhor come, porque dá graças a Deus; e quem não come para o Senhor não come e dá graças a Deus.*

Em outras palavras, nenhum dia é mais importante do que outro. Entretanto, se você decide fazer de um dia ou período um momento especial, aproveite esse dia ou época para a glória de Deus. Quando separar um dia especial, dê-lhe significado redentor. Quer colocar um pinheiro na sua casa e enfeitá-lo? Então se pergunte: como posso fazer com que isso reflita a mensagem bíblica do Natal?

Encontramos esse tipo de exemplo no reformador Martinho Lutero. Muitos creem que ele foi o primeiro a sair com a ideia de colocar globos iluminados na árvore de Natal para simbolizar o nascimento da Luz do mundo. Ele tomou algo de origem pagã e lhe conferiu propósito redentor. O fato de observarmos o Natal não é o problema. A questão é *como e por que* o observamos.

A propósito, se você decide não observar alguma coisa por causa de suas associações ou mesmo origens mundanas, então é melhor não estudar profundamente história ou civilizações antigas. Por exemplo, você terá que encontrar outro nome para o primeiro mês do ano—janeiro. Caso contrário, estará associando seu calendário ao deus romano de duas faces—uma dianteira, olhando para o novo ano que começava, e outra traseira, refletindo sobre o ano anterior que ficava para trás.

Além disso, cuidado com o símbolo do peixe. Essa figura era utilizada muito tempo antes de a igreja adaptá-la para seu próprio benefício. O peixe

estava associado a várias deusas persas, podendo representar um peixe se desenhado na horizontal ou o ventre da deusa na posição vertical. Na China, a grande deusa-mãe Kwan-yin era frequentemente retratada segundo a semelhança de um peixe. No Egito, Ísis, a deusa-mãe, era chamada de “O Grande Peixe do Abismo.” Na Grécia, a deusa peixe Afrodite Salacia era adorada por seus adoradores na sexta-feira. Naquele dia, seus fiéis comiam peixe em sua honra. Então aí está outro problema: não coma peixe às sextas-feiras porque era nesse dia que os adoradores pagãos da deusa Afrodite comiam peixe para honrá-la.

Os crentes primitivos tomaram emprestado esse símbolo pagão do peixe e lhe atribuíram novo significado, além de o utilizarem para marcar os locais de suas reuniões. Justamente porque o símbolo era tão comum, ele não chamava a atenção de ninguém.

A questão é a seguinte: se você deseja não ter associação nenhuma com ícones ou símbolos pagãos oriundos de práticas pagãs antigas, então é melhor se mudar para uma caverna. Mas, daí, é claro, mudar-se para lugares reclusos para fugir do mal também tem origens corruptas.

Portanto, o que precisamos encarar com seriedade é o *porquê*. *Por que* observamos o Natal e *o que* os símbolos significam para nós são as marcas distintivas do crente.

Eu creio que o Natal é uma oportunidade fantástica para exaltarmos Jesus Cristo. Recomendo que você aproveite esse período. Muito provavelmente, sua igreja verá dezenas ou centenas de pessoas que não colocarão os pés dentro da igreja novamente até quem sabe a Páscoa. Aproveitaremos a oportunidade desse dia, o qual para eles não passa de um feriado. Muitos curiosos visitam as igrejas nesse período religioso. É hora de

lhes mostrar o significado eterno por trás desses símbolos!

Por isso, sugiro que você e sua igreja escolham bem as músicas e proclamem uma mensagem tão clara para que todos saibam o que sua igreja celebra e por que eles também deveriam celebrar a mensagem do Natal. Vamos nos certificar de que separamos bem os mitos da mensagem.

De fato, existem vários mitos, até mesmo dentro da igreja, concernente ao que chamamos de “a história do Natal.” Muita substância se perde nessa época por causa da mensagem diluída e trivializada que é passada para a igreja como se fosse verdadeira.

A história do Natal é uma cena até um tanto violenta. Ela é composta por circunstâncias solitárias e desesperadoras que conduzem o leitor numa espécie de montanha-russa de emoções. A narrativa começa com intriga e termina com assassinato.

Por isso, desejo redescobrir essa cena de Natal com você com três mensagens que focam no tema “Os Mitos, Mensageiros e Mistérios do Natal.”

## Os Mensageiros do Natal

Chamo sua atenção para o Evangelho de Mateus e para um dos personagens mais mitológicos que geralmente aparecem em cenários de Natal. Trata-se dos supostos “reis magos.” Observaremos várias cenas hoje a partir de Mateus 2.

1. A primeira cena que veremos é a da chegada dos magos.

Leia Mateus 2.1–3:

*Tendo Jesus nascido em Belém da Judeia, em*

*dias do rei Herodes, eis que vieram uns magos do Oriente a Jerusalém. E perguntavam: Onde está o recém-nascido Rei dos judeus? Porque vimos a sua estrela no Oriente e viemos para adorá-lo. Tendo ouvido isso, alarmou-se o rei Herodes, e, com ele, toda a Jerusalém.*

E com certeza Herodes e toda a Jerusalém se alarmaram! O que vemos aqui não são três velhinhos carregando alguns presentes. Esses são os fazedores de reis da Babilônia. São homens politicamente influentes cuja tarefa era educar herdeiros de tronos, formando, de fato, a próxima geração da monarquia.

Agora, esses homens chegam a Jerusalém e fazem a pergunta que teria mais perturbado Herodes e o povo judeu. É a seguinte pergunta: *Onde está o recém-nascido Rei dos judeus?*

Note que eles não disseram “onde está o rei que nascerá?” Em outras palavras, “Herodes, o rei já nasceu. É tarde demais. Não há nada que você possa fazer!” E eles adicionam a informação chocante de que esse recém-nascido é o *Rei dos judeus*.

Permita-me fazer uma pausa rápida nesta cena e focar as lentes de nossa câmera no personagem Herodes.

2. A segunda cena é a da apreensão de Herodes.

Se pudéssemos voltar no tempo e olhar para Herodes no momento em que ele ouve a notícia, veríamos o seu rosto vermelho, queimando de ódio. Ele está mordendo a língua para não dizer em público o que realmente deseja falar.

Este era Herodes o Grande! Ele foi apontado por seu próprio pai como o regente da Galileia. O seu pai havia sido estabelecido no trono da Judeia pelo próprio Júlio César. Todos sabiam que

Herodes era rei.

Quando somos apresentados a Herodes em Mateus 2, ele já está com 70 anos de idade. Além disso, ele desenvolveu uma inveja louca em relação ao seu poder e trono.

Uma das dez esposas de Herodes, Miriamne, tinha um irmão chamado Aristóbulo, que era um sumo sacerdote judeu. Herodes ficou tão temeroso diante da popularidade de Aristóbulo que ele mandou que o matassem afogado. Depois ele financiou um suntuoso funeral no qual chorou, fingindo estar de luto. Em seguida, Herodes mateou Miriamne e a mãe dela.

Nos seus dois últimos anos de vida, a paranoia de Herodes se agravou a tal ponto que ele assassinou seus dois filhos mais velhos. Cinco dias antes de sua morte, ele matou o terceiro filho, decidido que não teria rival algum ao trono.

O historiador judeu do século primeiro Flávio Josefo escreveu o seguinte sobre Herodes e seu governo:

*Ele não permitia que cidadãos se reunissem, andassem ou comessem juntos, mas observava tudo quanto faziam, encorajando-os sempre a estar trabalhando. Ele tinha espiões em todo lugar... com frequência, ele vestia roupas de cidadão comum e se misturava no meio da multidão à noite, perguntando às pessoas o que elas achavam de Herodes e seu governo. Quando as pessoas respondiam com críticas, elas eram punidas severamente, ou mesmo levadas à cidadela de Hircânia, tanto secreta como publicamente, e eram sentenciadas à morte.<sup>2</sup>*

Uma das últimas coisas que Herodes fez antes de morrer foi prender muitos judeus influentes com

falsas acusações. Ele deu ordens para que os executassem assim que ele morresse, a fim de garantir que haveria choro em Jerusalém. Mesmo que as pessoas não chorassem a sua morte, os dias seguintes ao seu falecimento seriam marcados por lamento. Como vemos, ele era um homicida insensível, vão, corrupto e paranoico.

Mas ainda quero que você saiba outra coisa a respeito de Herodes. Quando já velho e tenho conquistado o favor do imperador romano, Herodes conseguiu que o Senado romano lhe conferisse seu desejo, dando-lhe o título de “Rei dos Judeus.” *Ele* era o rei dos judeus. Esse era o *seu* título e aquele era o *seu* trono!

Foi precisamente nesses últimos dois anos de vida, quando Herodes estava matando toda e qualquer ameaça ao trono, que um grupo de dignitários da Babilônia aparece em Jerusalém e pergunta, conforme lemos no verso 2: *Onde está o recém-nascido Rei dos judeus?* Por isso, o verso 3 diz que, *tendo ouvido isso, alarmou-se o rei Herodes.*

O verbo *alarmou-se* significa que Herodes ficou agitado, visivelmente perturbado. Ele pensa: “Alguém tem audácia suficiente para querer usurpar o meu trono e o meu título.”

Nosso mundo está cheio de “Herodes.” Não me refiro a indivíduos que saem por aí assassinando pessoas, mas aos que alegam ser reis. Somente eles se sentarão no trono de suas vidas e corações. Ninguém tem o direito de interferir em sua carreira profissional, sua posição, seu poder, suas ambições, seus planos e seu estilo de vida.<sup>3</sup> Eles jamais permitirão que outro seja rei sobre suas vidas.

Sugiro que você faça o seguinte: em suas conversas com descrentes, diga-lhes que Jesus Cristo tem o direito de ser seu mestre e rei. Em

seguida, observe como reagirão. Com bastante frequência, as pessoas ficam agitadas e perturbadas com essa ideia. Diga-lhes que precisam se prostrar e render ao reino de Jesus Cristo e veja como ficarão vermelhas em furor, mordendo sua língua para não dizer o que realmente pensam sobre esse Jesus. Quem sabe algumas até dirão o que pensam. “Eu não preciso de salvação... eu controlo minha própria vida... eu sou o mestre do meu destino.”

Agora, não entenda errado o Natal. Não tem problema inserir Cristo nas canções natalinas uma vez por ano, mas é melhor deixa-lo na manjedoura mesmo... ou quem sabe na cruz, não é? Nosso mundo religioso gosta dele ali também. Preferem Jesus ou no seu nascimento, ou na sua morte. Não fale sobre o Senhor soberano assunto aos céus. Não fale sobre renunciar prioridades, planos, valores morais e estilo de vida aos pés desse Senhor. Se fizer essas coisas, estragará o espírito de Natal!

Meu amigo, nesta época de final de ano, o mundo dirá, mais uma vez: “Jesus é bom na festa do Natal... mas prefiro deixa-lo de fora da minha festa de réveillon. Vamos deixa-lo lá na manjedoura mesmo, ok?”

Herodes pensava da mesma forma. Ele acabou de descobrir seu maior pesadelo: alguém está reivindicando o seu título de “rei dos judeus.” O problema se agrava ainda mais porque não são homens quaisquer que proclamam a notícia. Volte ao verso 1: *eis que vieram uns magos do Oriente*.

O termo grego para *magos* é *magoi*. É dessa palavra que derivamos termos como “mágica,” “mágico,” e “magistrado.” Além disso, o verso nos informa de que esses homens vieram do *Oriente* ou, literalmente, da *estrela nascente*, que é uma referência ao nascer do sol. Isso significa que eram provenientes dos reinos da Média e Pérsia.

O historiador grego Heródoto revela que esses homens pertenciam a uma classe especial, sendo altamente educados nas artes e ciências. Eles eram os sumos sacerdotes, professores universitários e políticos influentes—todas essas coisas de uma vez só.

Esses homens eram os líderes da religião persa, a qual era bastante vibrante na época em que Jesus nasceu. Trata-se do Zoroastrismo. Sacerdotes vestiam mantos brancos e chapéus longos. O elemento principal em sua adoração era o fogo. Os zoroastristas mantinham um fogo sempre aceso sobre o seu altar porque criam que aquele fogo havia sido lhes dado do próprio céu. Eles praticavam sacrifícios de animais e criam na existência de somente um deus chamado Mazda.

Historiadores também contam que nenhum persa se tornava rei sem antes compreender devidamente as disciplinas religiosas e científicas dos magos. Somente então o herdeiro do trono seria aprovado e coroado pelos próprios magos.<sup>4</sup>

Esses magos eram famosos por serem os fazedores de reis e Herodes sabia muito bem disso! Na verdade, os habitantes de Jerusalém também sabiam disso e eles ficaram perturbados também, porém por outro motivo.

O evangelista Mateus, a propósito, não nos diz quantos magos chegaram. A tradição da igreja primitiva afirmava que foram doze, mas o número acabou sendo reduzido a três, talvez porque é difícil colocar doze magos numa apresentação de Natal!

Na Idade Média, o número dos magos foi reduzido, mas muitas tradições e mitos multiplicados. A igreja começou a dizer que os três magos se chamavam Caspar, Melquior e Baltazar, representantes dos filhos de Noé. Supostamente, seus crânios foram preservados e o bispo de

Cologne, Alemanha, os descobriu no século doze. A grande catedral de Cologne ainda exhibe esses crânios, os quais ficam guardados dentro de uma caixa de vidro adornada com pedras preciosas.

A despeito desses mitos, o próprio texto das Escrituras nos leva a fazer algumas perguntas óbvias. Por exemplo, por que viajar da região da Pérsia (atual Irã) até Jerusalém, uma viagem que levava em torno de um ano? Além disso, o texto deixa implícito que os magos achavam que, quando chegassem a Jerusalém, os habitantes saberiam, automaticamente, onde o Messias morava. Por que eles achariam isso? Também, por que eles estiveram dispostos a chegar pela porta de entrada de Jerusalém e sair pela “porta dos fundos” em obscuridade?<sup>5</sup> Mais importante do que tudo isso: por que esses magos do Oriente se interessariam em um Messias judeu?

A fim de responder essas perguntas, precisamos voltar alguns séculos na história, para a época em que os judeus foram levados cativos para o Oriente—a Babilônia. Entre os deportados estavam vários adolescentes judeus que foram entregues aos magos para serem treinados na universidade. Sabemos os nomes de pelo menos quatro: Daniel, Sadraque, Mesaque e Abede-nego.

Especialmente Daniel afetou tão profundamente o rei Nabucodonosor que acabou sendo promovido. Daniel se tornou o chefe de todos os magos no reino da Babilônia (Daniel 2.48). Ele era tão respeitado e influente que o rei persa Dario manteve Daniel em sua posição de liderança depois que conquistou a Babilônia.

Talvez você se recorde que outros políticos persas elaboraram um esquema para eliminar Daniel ao lançarem-no na cova dos leões. É importante destacar que os magos não fizeram parte desse plano. Evidentemente, eles respeitavam

tremendamente Daniel.

Os 70 anos de influência piedosa pela vida e ensino de Daniel acabaram conduzindo dois reis à fé no Deus de Israel, além de muitos magos também.

Todavia, como os magos vivendo centenas de anos após Daniel foram impelidos por uma estrela a sair de encontro com o Messias prometido? O que eles quiseram dizer com a explicação no verso 2: *Porque vimos a sua estrela no Oriente e viemos para adorá-lo?*

Primeiramente, o texto revela que esses magos que viajaram para Jerusalém já possuíam fé no Deus verdadeiro e estavam prontos para adorar o Salvador. Eles já criam nas Escrituras e sabiam que o Messias havia nascido. De fato, assim que teve a oportunidade, Herodes, *convocando todos os principais sacerdotes e escribas do povo, indagava deles onde o Cristo deveria nascer* (Mateus 2.4).

Os magos chegaram e disseram a Herodes: “Estamos aqui para adorar o Cristo, o Messias.” Aqui estão eles, descendentes dos magos convertidos de Daniel, impelidos a embarcar numa jornada que duraria mais de um ano para completarem. Sem dúvidas, eles estavam numa enorme caravana com servos para cozinhar e cuidar dos rebanhos que levaram a fim de lhes servir de alimento durante a viagem. Além disso, haveria uma grande divisão de soldados que protegeriam os magos enquanto atravessavam territórios estrangeiros. Os soldados também protegeriam os presentes caríssimos que os magos levavam consigo.

Portanto, meu amigo, peço que você apague de sua mente aquela imagem tradicional de três “hominhos idosos” chegando com três jarrinhos contendo presentes. Esses magos eram dignitários

persas renomados por seu poder e prerrogativas. Eles também faziam parte de uma longa linhagem de gentios salvos que voltava até Daniel, o líder dos magos do Oriente.

Agora, ainda existe a seguinte pergunta: por que uma manifestação astral impeliria esses magos a embarcarem numa jornada a Jerusalém? Como eles teriam associado a estrela ao nascimento do Messias?

Evidentemente, Daniel teve à sua disposição uma cópia da Torah, a Lei de Moisés. Daniel, bem como outros judeus piedosos vivendo no cativeiro babilônio, ensinaram aos magos as verdades sobre a vinda do Messias. Imagino que Daniel explicou uma passagem em particular para os seus colegas magos. Ela se encontra em Números 24.16–17:

*palavra daquele que ouve os ditos de Deus e sabe a ciência do Altíssimo; daquele que tem a visão do Todo-Poderoso e prostra-se, porém de olhos abertos: Vê-lo-ei, mas não agora; contemplá-lo-ei, mas não de perto; uma estrela procederá de Jacó, de Israel subirá um cetro que ferirá as têmeoras de Moabe e destruirá todos os filhos de Sete.*

Nessa passagem do Antigo Testamento, o Messias é chamado de *estrela*. Quem sabe Daniel lhes ensinou a profecia de Isaías 60.1–3:

*Dispõe-te, resplandece, porque vem a tua luz, e a glória do Senhor nasce sobre ti. Porque eis que as trevas cobrem a terra, e a escuridão, os povos; mas sobre ti aparece resplendente o Senhor, e a sua glória se vê sobre ti. As nações se encaminham para a tua luz, e os reis, para o resplendor que te nasceu.*

Encontramos aqui a mesma ideia de uma estrela que nasce em brilho. Em Apocalipse 22.16,

Jesus Cristo é chamado de *a brilhante estrela da manhã*.

Precisamos entender, portanto, que os magos não viram simplesmente uma estrela. Isso aqui não foi algum meteoro, cometa ou os planetas se alinhando. Esse foi o sinal messiânico. Evidentemente, o sinal se assemelhou a uma estrela, mas era, na verdade, a luz da presença de Deus— a glória do seu *shekinah*. E, de fato, o termo grego para *estrela* (*astēr*) pode ser entendido como “brilho” ou “esplendor.”

Essa foi a luz que guiou o povo de Israel enquanto peregrinava no deserto (Êxodo 13.21); essa foi a luz que fez o rosto de Moisés resplandecer após haver se encontrado com Deus (Êxodo 34.30); esse foi o brilho celestial do Cristo ressurreto que cegou Saulo de Tarso (Atos 9.3); essa foi a luz que o apóstolo João viu quando contemplou a face de Cristo brilhando como o sol (Apocalipse 1.16).

Foi essa luz que apareceu para esses magos. Doutra sorte, como explicar o fato de ela aparentemente ter sumido depois que eles chegaram a Jerusalém? E como explicar o fato de a luz de repente aparecer novamente depois que eles deixam o palácio de Herodes? E como explicar o fato de essa luz se encontrar precisamente sobre a casa na qual o menino Jesus morava?

Só existe uma explicação: os magos foram conduzidos pela luz da glória de Deus. E parece que eles foram os únicos que a enxergaram.

Isso me leva a perguntar: por que Deus faria tudo isso por alguns magos do Oriente? Qual é a importância de ter persas vindo trazer presentes para Cristo?

3. A terceira cena revela a apatia dos líderes judeus.

Concordo com um escritor que afirmou que isso revela que o nascimento de Jesus teve impacto e influência mundiais. Também mostra que o Messias veio através de Israel como um presente de Deus a todas as nações, não somente aos judeus. Infelizmente, a vinda dos magos ilustra, logo no início da vida de Jesus nesta terra, que os judeus não se importarão com o seu nascimento, mas os gentios se importarão.<sup>6</sup>

Os líderes judeus que informaram a Herodes de onde o Messias deveria nascer não se importaram o suficiente para andar menos de 10km de Jerusalém a Belém para se certificarem do que se passava, mas gentios viajaram longas distâncias.

Perceba no verso 6 que os líderes religiosos sabiam decorado a profecia de Miqueias. Eles sabiam que o Messias nasceria em Belém. Esperaríamos que eles correriam lá imediatamente para descobrir a verdade. Eles conheciam as Escrituras, mas perderam de vista o Salvador.

Os magos, por outro lado, embarcaram numa longa jornada. A Pérsia corresponde ao atual Irã, o que significa que atravessaram parte do Irã, depois o Iraque e, por fim, desceram para a Palestina.

Entenda que, quando chegaram a Belém, eles não entraram em um estábulo—que era, mais provavelmente, uma caverna ou o local onde os animais eram mantidos. Perceba bem o que diz Mateus 2.11: *Entrando na casa, viram o menino com Maria, sua mãe.*

Eles não entram num estábulo, mas em uma casa. Além disso, eles veem *o menino*. O termo grego utilizado não é *brephos*, que significa “bebê,” mas *paidion*, que se refere a uma criança pequena. Portanto, quando os magos chegaram a Belém, o menino Jesus tinha entre um e dois anos de idade.

4. A última cena é a da adoração de Jesus Cristo.

Veja o verso 11:

*Entrando na casa, viram o menino com Maria, sua mãe. Prostrando-se, o adoraram; e, abrindo os seus tesouros, entregaram-lhe suas ofertas: ouro, incenso e mirra.*

Os magos se prostram diante do menino. Como era costume da época, beijam seus pés e até mesmo o chão.

Você consegue imaginar isso? O pequeno Jesus, provavelmente agarrando o manto de sua mãe e com olhos arregalados, recebendo adoração dos magos fazedores de rei de um reino gentio.

Esses fazedores de reis trouxeram presentes para Jesus. Eles lhe deram ouro, um presente apropriado a reis. Eles deram ouro ao herdeiro do trono de Davi. Também lhe deram incenso, feito a partir da goma ou cera da árvore *Boswellia*. O incenso era usado pelos sacerdotes do Antigo Testamento como parte de seu serviço sacerdotal.<sup>7</sup> Eles deram incenso ao Sumo Sacerdote, o qual intercede em nosso favor. Por fim, os magos deram a Jesus o mais estranho de todos os presentes—mirra. A mirra é um perfume adocicado feito a partir de um arbusto espinhoso. A cera produzida pela seiva era misturada com vinho para formar uma espécie de narcótico. Foi precisamente essa mistura que foi oferecida a Cristo enquanto pendurado na cruz e a qual ele rejeitou. A mirra também era uma substância comumente utilizada para embalsamar corpos. Então, os magos deram mirra àquele que usaria uma coroa de espinhos, que sofreria na cruz e cujo corpo seria embalsamado.

Os magos deram três presentes: ouro para o Rei dos reis, incenso para o nosso grande Sumo



Sacerdote e mirra para o nosso Salvador sofredor que redimirá a humanidade de cada nação no planeta.

## **Reações à Mensagem do Natal**

Nesses versos, encontramos três reações do mundo à mensagem do Natal. Do século primeiro ao vinte e um, a cultura mudou bastante, mas as

reações permanecem as mesmas. Alguns respondem com ira (como Herodes), apatia (como os líderes judeus) e adoração (como aqueles que o adoraram como seu novo Messias).

Existem aqueles que o odeiam e o ignoram, e aqueles que se lançam de joelhos ao chão e o adoram—aquele que é Cristo, o Senhor!

Este manuscrito pertence a Stephen Davey, pregado no dia 05/12/2004

©Copyright 2004 Stephen Davey

Todos os direitos reservados

---

<sup>1</sup> John MacArthur, *God with Us* (Zondervan, 1989), 25.

<sup>2</sup> Ivor Powell, *Matthew's Majestic Gospel* (Kregel Publications, 1986), 36.

<sup>3</sup> MacArthur, 71.

<sup>4</sup> MacArthur, *Matthew* (Moody Press, 1985), 27.

<sup>5</sup> Powell, 35.

<sup>6</sup> Stuart Weber, *The Holman New Testament Commentary*: (Broadman and Holman, 2000), 20.

<sup>7</sup> Powell, 42.